



Informativo

ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS DO BANCO DA AMAZÔNIA
www.aeba.org.br



À REFLEXÃO, SIM!

Já não nos surpreendem as tentativas de intimidação praticadas pela diretoria do Banco da Amazônia. Na última, distribuída ontem (14/10), desdenha da capacidade dos empregados de fazerem a leitura do quadro atual da greve. Diga-se, greve deflagrada e mantida diante da insensibilidade, do descaso, da intransigência, da arrogância e, por que não dizer, do despreparo e da incapacidade da própria diretoria em negociar.

Insensíveis, intransigentes, arrogantes, despreparados e incapazes, nas mais diversas rodadas de negociação ignoraram as necessidades daqueles que construíram e, **brava e heroicamente**, mantêm de pé a instituição que eles, pela responsabilidade (?) que lhes foi confiada, teimam em inviabilizar.

Ignoraram os direitos pleiteados pelos bancários, mas deram o tom da truculência na retirada de tais direitos em três itens presentes na única e propositadamente postergada proposta apresentada à categoria. Retirada que procura ferir e calar a AEBAs, entidade que não se curva às práticas autoritárias do Banco.

Ao tempo em que ignoram nossos direitos, subestimam nossa inteligência. Negaram-se a negociar em todos os momentos e, diante da discordância de todas as entidades representativas da categoria, ajuizaram dissídio coletivo de greve. Ajuizaram-no e, com isso, como de costume, tentaram, outra vez,

intimidar os bancários, a despeito da ausência de argumentos minimamente sustentáveis apresentados à Justiça. Daí, afirmarmos a insistência deles na prática da imposição da vontade, do tipo “quero”, “posso”, “mando”.

Concordamos, finalmente, com a manifestação última do Boletim editado ontem pela diretoria. Exercitando a **reflexão** nele sugerida, entendemos impossível outra decisão que não a de **mantermos a greve**. Afinal, na audiência de conciliação prevista para a próxima sexta-feira, 17/10, o Banco certamente manterá a intransigência costumeira e se negará a conciliar.

Concluindo:

Manter e fortalecer a greve, além do indispensável exercício de cidadania, é, principalmente, exercício de dignidade.

